



GT 73. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos

Coordenador(es):

Renata de Castro Menezes (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rodrigo Toniol (Unicamp)

O objetivo desse GT é dar continuidade às discussões desenvolvidas na última RBA, a partir da constatação de que nas últimas décadas, há um crescimento do interesse e uma diversificação de abordagens teórico-metodológicas sobre materialidades, objetos e coisas que para alguns configuraria quase um subcampo disciplinar, com debates próprios, eventos específicos e publicações regulares a ele dedicadas. O propósito deste GT é reunir trabalhos dedicados às variadas formas de articulação entre religião e materialidades. Trata-se de dar centralidade às formas materiais de produção da experiência religiosa, apostando, com isso, na possibilidade de que novos horizontes empíricos e desafios teóricos sejam explorados. Entre outras questões possíveis, destacamos três que poderão orientar as reflexões dos trabalhos reunidos pelo GT. Primeiro, como a religião acontece na cultura material? Trata-se de enfatizar como imagens, objetos litúrgicos e devocionais, arquitetura e espaços sagrados mobilizam e são mobilizados em práticas religiosas. Segundo, como alguns objetos ocupam um lugar ambíguo — e controverso — na relação com a religião? Estátuas, obras de arte e templos históricos são apenas alguns exemplos daquilo que pode ocupar o centro dessa modalidade de relação entre materialidade e religião. Terceiro, como as variadas conformações de vínculo entre religião e materialidade também implicam em “formas sensoriais” diferenciadas da experiência com o sagrado?

Memorial judaico, ataque ao Patrimônio ou monumento (da) Universal? Notas de pesquisa sobre a construção do Memorial do Holocausto

Autoria: Edilson Sandro Pereira (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O objetivo desta apresentação é analisar os elementos que permitem mapear uma controvérsia em torno da construção do Memorial do Holocausto no Rio de Janeiro. Diferentemente de um memorial homônimo existente em São Paulo, que se localiza no interior de uma antiga sinagoga, o exemplar carioca está sendo construído em área pública, em um parque no alto do Morro do Pasmado, em Botafogo. A área foi cedida pela Prefeitura Municipal, sob direção de Marcelo Crivella, e a construção está sendo gerida pela Associação do Memorial do Holocausto. A partir de observação in loco e de levantamento de materiais textuais e imagéticos disponíveis em mídias online, busco elaborar um quadro de análise que nos permita vislumbrar as imbricações entre religião, política e modos de produção (e apagamento) da memória no presente. Para tanto, proponho considerar a relação de três grupos principais de atores com o memorial, sua materialidade e sentido. O primeiro dos grupos de atores a seguir engloba certos representantes da comunidade judaica no Rio, incluindo o deputado estadual Gerson Bergher [falecido em 2016], responsável pela proposta de realização de um concurso para a construção do Memorial no fim dos anos 1990, e sua viúva, a vereadora Teresa Bergher, que integrava a gestão de Crivella quando a pedra fundamental do Memorial foi lançada. O segundo grupo é representado pela associação de moradores de Botafogo e órgãos representativos de arquitetos e do patrimônio no Rio de Janeiro. Juntos, eles manifestam forte crítica ao local escolhido para a edificação. Antes previsto para estar no nível do mar, junto à baía de Botafogo, a sua transposição para o alto do mirante seria um problema à paisagem carioca, sobretudo porque inclui a edificação de um obelisco de concreto, com 22 metros de altura, plenamente visível de todo o entorno. A terceira perspectiva considerada vincula-se, por sua vez, à atuação da Igreja Universal do Reino de Deus. Nos últimos anos, a IURD vem



alterando sua identidade visual de modo a enfatizar referências e símbolos do Antigo Testamento e do judaísmo. Entre eles, destacam-se nos altares de seus templos certas réplicas das tábuas dos 10 Mandamentos bíblicos. Pois, na base do obelisco que se configura como o item de maior destaque do Memorial, estará inscrito o 1o daqueles mandamentos, "Não matarás?", iniciando uma contagem, vertical, a ser feita de baixo para cima. Isso posto, seria aquele um memorial histórico, judaico, iurdiano? Através do entrecruzamento das diferentes perspectivas sobre a edificação, lidas sob a influência de autores como Georges Didi-Huberman e Bruno Latour, entre outros, busca-se exercitar uma arqueologia do tempo presente, considerando as diferentes camadas de sentido que derivam e complexificam aquela edificação e lugar.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: